

Director literario:
Albuquerque
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

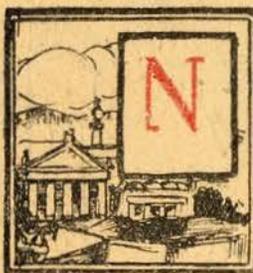
O SECULO

Director artistico:
Albuquerque
 PAPUSSE

Flôrmorena e Flôrmarina

Por JUDIT

Desenhos de E. MALTA



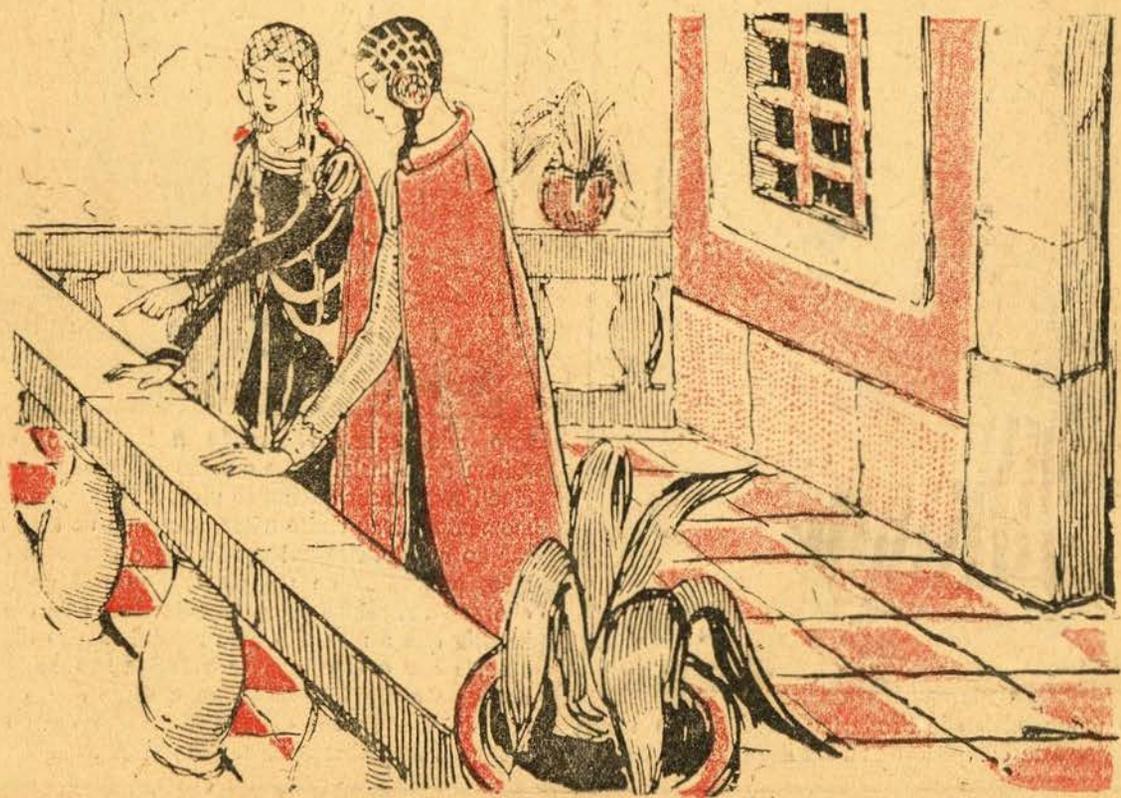
UM grande reino da Europa, governava, há já muitos anos, um monarca forte e poderoso, que aliava aos melhores dotes do coração uma fina inteligência, pelo que se tornara querido e respeitado do seu povo. Mas não há bela sem senão, e o rei, apesar de inteligente e sabedor, deixava-se influenciar grandemente nos seus actos, pela rainha Rapumeca, sua segunda esposa, mulher grosseira e má,

influência de que só podiam vir maus resultados.

Do primeiro matrimonio, tinha el-rei duas filhas boas e lindas, Flôrmorena e Flôrmarina, a primeira de 17 rissonhas primaveras, e de 14 a segunda. Qual delas a mais bela? Ninguém sabia nem o que mais admirar, se as longas tranças negras, a tez morena de tons quentes e os olhos pretos de Flôrmorena, se os cabelos de ouro, a alvura da cutis e o azul mar dos olhos de Flôrmarina. Adoravam-se as duas jovens príncesas; privadas desde crianças do carinho da mãe, afastadas do pai por uma questão desagradável de snobismo, encontravam uma na outra, todo o apoio, a amizade e o conforto necessários a uma rapariga daquela idade.

No palácio vivia também uma filha de Rapumeca, Gra-

(Continua na página 4)





O PRINCIPE QUEIMADO

Por AUGUSTO VELOZO

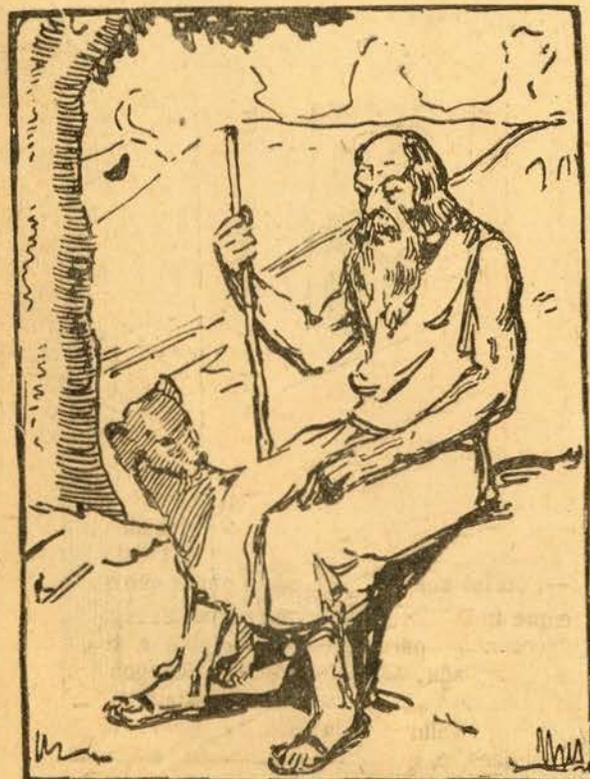
Desenhos de EDUARDO MALTA



LONGE, muito longe daqui, vivia um velhinho que contava mais de trezentos anos. Esse velhinho o tio Sebastião, (como todos o tratavam) vivia numa montanha arruinada, tendo por companhia um cão. Diziam que ele era bruxo e era de acreditar porque tudo quanto ele dizia saía certo. Nunca

vinha à cidade e quando alguém queria saber o seu futuro tinha de ir à montanha.

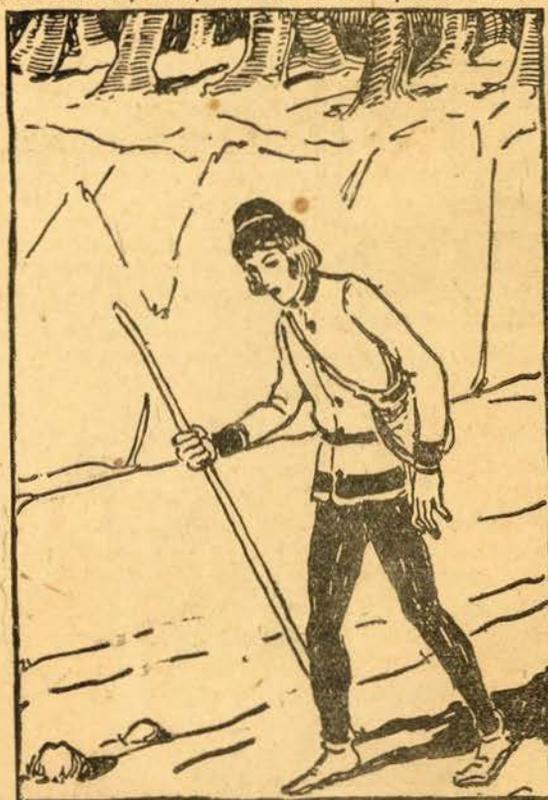
Vivia perto numa cidade o rei Edgar, e tinha um



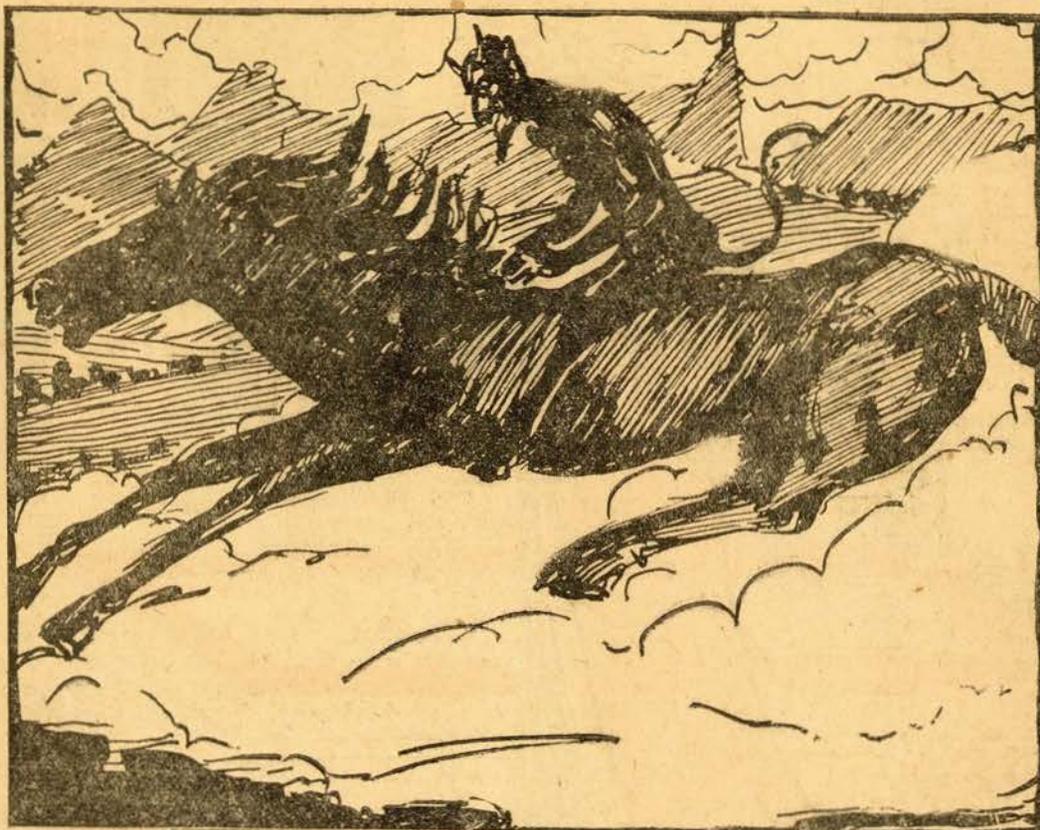
filho único, chamado Frederico, herdeiro do trôno. Quando este completou os seus dezassete anos, sua

mãe, a rainha quiz saber, à força, o futuro de seu filho.

Mandou preparar um carro para a conduzir à montanha. A principio o velho não quiz dizer o fu-



turo que estava reservado a Frederico mas a rainha tanto insistiu que o velho declarou que o príncipe havia de ser queimado vivo. A rainha, desde esse momento, viveu muito triste, passando os dias a chorar no quarto. Frederico, notando o desgosto de sua mãe, perguntou-lhe porque motivo andava sempre chorando. A rainha nada lhe quiz dizer mas ele tanto insistiu que a mãe não teve remédio senão dizer-lhe a sorte que o esperava. O príncipe não se incomodou com a previsão do bruxo e disse que, como tinha de morrer um dia, tanto se lhe dava morrer desta ou daquela maneira. Que, visto estar-lhe desti-



nada aquela sorte, queria ir correr mundo. O rei só a muito custo lhe deu a licença pedida. Frederico preparou-se para a viagem. A despedida a rainha deu-lhe dinheiro que chegasse para o resto da sua vida.

Começou o príncipe a correr mundo e, depois de ter percorrido muitas cidades, reinos etc., foi vêr uma pequena aldeia, na qual havia uma capelinha com Sebastião e a figura do diabo. Como aquela aldeia era muito pobre, estava a capela num mísero estado. O príncipe, impressionado pela miséria da capela, mandou concertar e pintar tudo à sua custa. Resolveu, então, demorar-se ali algum tempo, administrando as obras à frente dos operários. Construídas as obras, o pintor declarou que haviam sobrado tintas, em virtude de não ter pintado a figura do diabo por não valer a pena. O príncipe não concordou e disse que pintasse também a figura do diabo. Quando tudo ficou pronto, retirou-se com a bênção do povo e continuou a sua viagem, indo ter a uma cabaninha, perto de um caminho aonde êle pediu pousada. Afí vivia uma velha que era uma bruxa muito má mas que lhe concedeu pousada, mostrando-lhe o quarto aonde êle havia de ficar. Entrando no quarto o príncipe começou a contar o dinheiro que tinha no bôlso.

A bruxa, que estava a espreitar pelo buraco da fechadura, vendo tanto dinheiro, foi à polícia dizer que em sua casa estava um ladrão, que lhe roubara

tudo o que tinha. A polícia correu lá bem armada, prendeu Frederico e levou-o para a cadeia, dando tôdo o dinheiro à bruxa.

Frederico, respondendo no tribunal pelo seu roubo, foi condenado a ser queimado vivo. Chegando o dia destinado, seguiu para a praça em direcção a uma enorme fogueira. S. Sebastião que estava na capela que o príncipe mandara concertar, virou-se para o diabo e disse: — Sabes quem te mandou arranjar; sei, foi aquelê honrado príncipe que há pouco por aquí passou. Pois êsse príncipe daqui a minutos estará morto, se lá não vais acudir-lhe. Mal o diabo ouviu isto, montou-se no seu cavalo, côr de lazão, crinas de fogo, e chegando a casa da bruxa, levou-a ao rei, obrigando-a a confessar que o príncipe estava inocente. O rei, por intermédio do diabo, logo mandou à praça afim de suspenderem a morte de o príncipe. Então, o rei tirou tôdo o dinheiro à bruxa e mandou-a enforcar. Frederico começando de novo a correr mundo, indo por uma estrada, encontrou um homem ricamente vestido, e montado num bonito cavalo, que, virando-se para Frederico, lhe disse: — Sabes quem te tirou da morte?! — Não! disse Frederico. — Pois foi aquela figura que o pintor não queria pintar e que tu lhe intimaste a que pintasse. Agora podes ir descauçado para a tua terra pois a tua sina está desmanchada. Quando Frederico chegou à sua terra já sua mãe sabia que a sina estava desmanchada porque o vèlhino já lá tinha ido dizer. Viveram muito felizes, e, quando o rei morreu, subiu Frederico ao trôno...!

As aias saíram, mas, momentos depois, as suas duas i-guras, agora de aspecto apavorado, entravam correndo no salão de el-rei, e a mais velha delas, dizia com a voz entrecortada pela emoção e pelo cansaço:

— Senhor, senhor, encontrámos vazia a câmara das princesas, as camas em desalinho, e aberta a janela que dá para a escadaria do terraço de mármore. Aos nossos gritos de espanto, acudiram servos de Vossa Alteza, que percorreram todo o palácio, tendo sido improficua a sua busca! Que fazer?!

O rei empalideceu, e, cerrando os olhos, curvou a fronte apoiando-a a uma das mãos. Ao seu lado a rainha Rapumeca abriu desmedidamente os seus, exclamando:

— Uma ideia! — Mas o rei tocou-lhe levemente no braço obrigando-a a esperar e, dirigindo-se às aias, disse:

— De minha parte, dai ordem a todos os escudeiros e arautos para que seja feita imediatamente uma busca zelosa pelos jardins e matas do palácio, e entretanto esperemos.

No grande relógio salpicado de pedrarias da sala em que se encontravam os monarcas, começaram a soar dôze sonoras badaladas. Até àquela hora toda a busca fôra sem resultado, e, a noticia trazida por um pagem de que a sala do trôno começava a encher-se de centenas de grandes senhores vindos de países distantes e pretendes à mão da princêsa mais velha, desesperou o rei, que assim falou à sua Augusta esposa,

— Rapumeca, é agora o momento de expôres a tua ideia e creê que com a maior boa vontade a aceitarei, como tudo o que vem do teu alto entendimento.

— Lembrei-me, — disse a rainha, fazendo um tregeito que a melhor forma de sairmos desta má situação, é ludibriarmos a boa fé de todos os pretendentes, apresentando-lhes Graziela, que ostentará um riquissimo manto incrustado a rubis e, fazendo-a passar por Flôrmorena, Flôrmorena a rapariga ingrata e má, que leva seu pai às conseqüências que um acto dêste pode acarretar.

— Seja, — disse o rei, — não temos outro remédio. Que Graziela se apresente.

A 1 hora acabava de soar. Num grande salão forrado a damasco azul, na parede fronteira ao trôno de el-rei, encontravam-se alinhados todos os pretêndentes à mão de Flôrmorena, reis e príncipes ostentando os trajes mais lindos e de maior valôr. Ao lado perfilavam-se doze elegantes escudeiros, que, fazendo soar os clarins, anunciaram a chegada da princêsa. Imediatamente as portas abriram-se de par em par e entrou um lindo arauto de canudos negros, que, estacando a meio da sala, e voltando-se para a porta, curvou o joelho, e nessa atitude esperou a pseudo-princêsa, que acabara de surgir, seguida da sua comitiva de lindas damas de honôr.

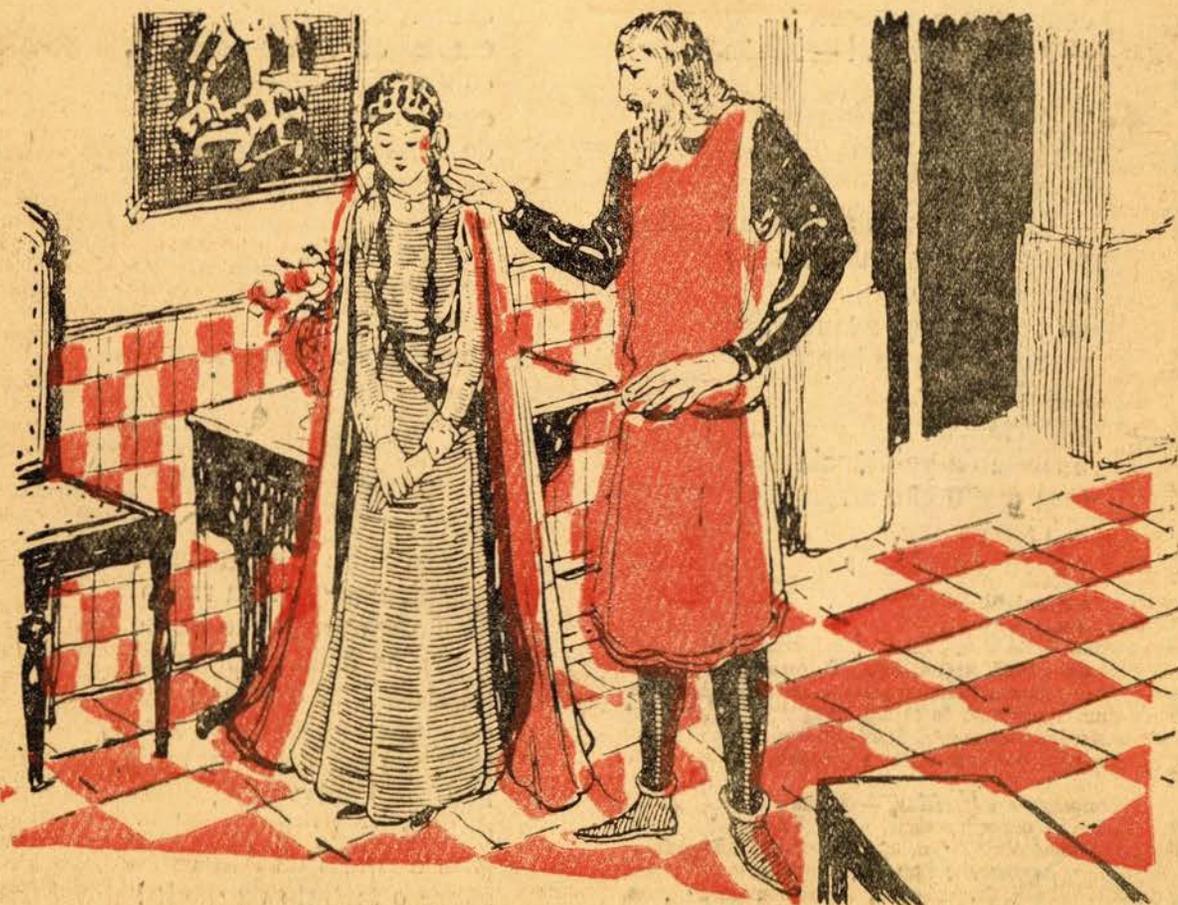
De certo era encantador o manto de Grizela e folgurante o brilho do diadema que lhe cingia a fronte, mas, no rôsto de cada um dos pretendentes notou-se um momento bem visível, o espanto que os tomara, ao verem que Flôrmorena era afinal tão diferente do que a fama proclamava.

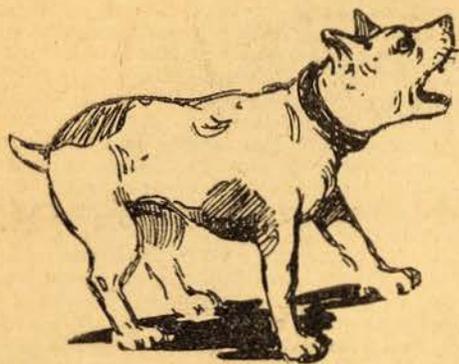
Os olhos de Graziela não seriam feios se nêles não se reflectisse toda a maldade do seu coração; o nariz arrebitava-se duma maneira assustadora, e os seus lábios grossos quando se abriam num sorriso, deixavam ver uns dentes verdes, tal era a sujidade que nêles se acumulava.

No grupo brilhante dos príncipes, destacava-se um, pela beleza da fronte e do porte. Lindo, lindo, de olhos castanhos muito tristes e uns cabelos loiros ondedados. A chegada de Graziela viram-no empalidecer subitamente, e os seus olhos, que a principio a haviam fitado como que querendo ainda ver nela a pureza dos traços de Flôrmorena, conservavam-se agora cerrados para tudo o que se passava em sua volta.

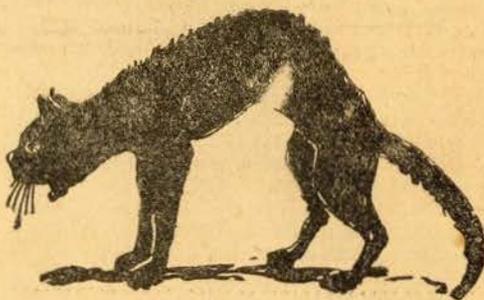
Entretanto Graziela, depois de ter percorrido com o olhar a fila dos pretendentes, mostrou pelo ar de satisfação do rôsto, ter fixado a sua escolha e, com o dedinho indicador da mão direita, que por sinal tinha uma unha bem suja,

(Continua na página 8)





O
D
I
O



— ANTI GO —

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Dom Carriço e Dom Tição
andavam sempre a brigar
numa grande embirração,
sem que se possa explicar
qual o motivo, a razão!

Assim que o ladino cão
descobria o pobre gato,
princiava a questão
começava o desacato:
— Fut... fut...! — Ao-ão-ão-ão!

Todavia,
certo dia,
D. Tição,
— (que assim se chamava o gato) —
provando ser mais sensato
do que o cão,
ao ver Carriço avançar,
resolveu não se importar,
não lhe ligar
importância,
e rir-se da pelutância
com que o cão arremetia!
E Tição
pôs-se a exclamar
com um ar
superior,
ao referido Carriço,
— (que assim se chamava o cão):

— «Então,
amigo,
que é isso?!...
que fiz eu para que assim

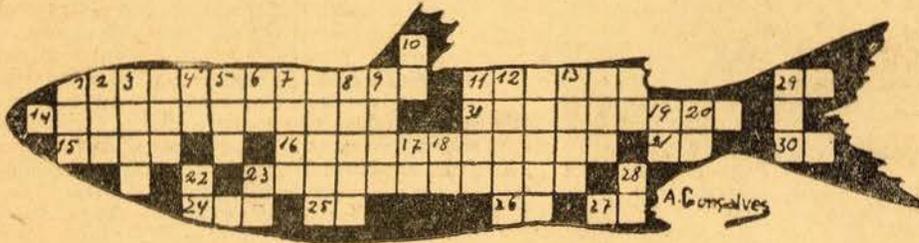
*me votes tanto rancôr?!
Porque razão
és de mim
um tão feroz inimigo?!
Farias muito melhor
em não gastares comigo
tão precioso latim!»*

Nisto o cão,
que prosseguia
em seu *ão-ão-ão-ão-ão...*
contra Tição
que já ria
de tamanha exaltação,
de repente cai em si
e,
envergonhado,
vexado,
retira logo dali,
com grande encavacamento!

Meninos, que esta lição
vos sirva de ensinamento:
quem se zanga sem razão
só mostra ter pouco tento.
E não ha nada melhor
para acalmar o furor
de quem connôco se exalta,
gritando em voz muito alta,
muito ridiculamente,
do que uma infinita calma,
pelo domínio da Alma
sôbre o instinto da gente!

HORA do RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS



TAINHA

TAINHA

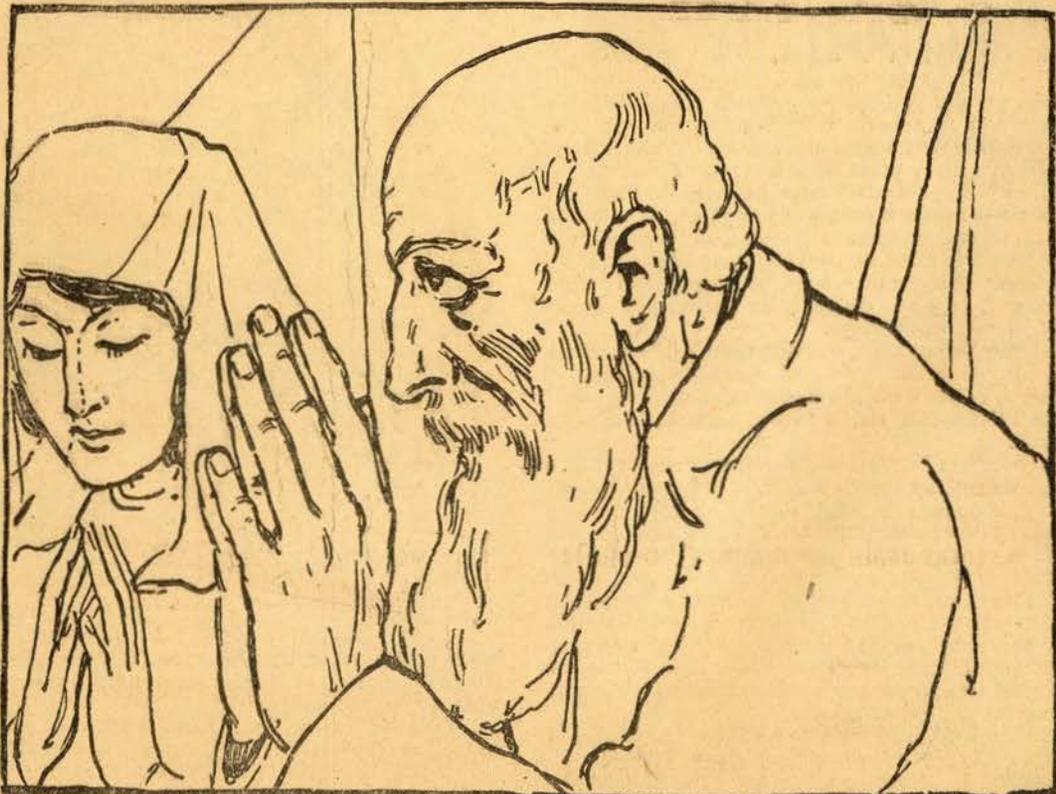
HORIZONTAIS

VERTICAIS

1, Descrição das raízes. — 11, Desmaio. — 14, Fraqueza nervosa. — 15, Antiga unidade de conta da moeda portuguesa. — 16, Que anda nas pontas dos dedos. — 21, Intriga. — 24, Naquele lugar. — 25, Nota musical. — 26, Graceja. — 27, Polvilho. — 29, Bêtele. — 30, Continuo. — 31, Enfatado.

1, Rapar o (sal) na peça da salina e junta-lo com o rôdo. — 2, De dôr. — 3, Encolerizar-se. — 4, Artigo. — 5, Três consoantes. — 6, Abreviatura de reu e oitava letra do alfabeto português. — 7, Poeta. — 8, Especie de colírio antigo. — 9, Menina (Bras). — 10, Contracção. — 11, Feijão verde ou carrapato. — 12, Inaugurar. — 13, Nome de mulher. — 17, Duas consoantes. — 18, Designativa de admiração. — 19, Um artigo em inglês. — 20, Nota musical. — 22, Nota musical. — 23, Nome de homem. — 28, Nota musical. — 29, Ripa.

PARA OS MENINOS COLORIREM

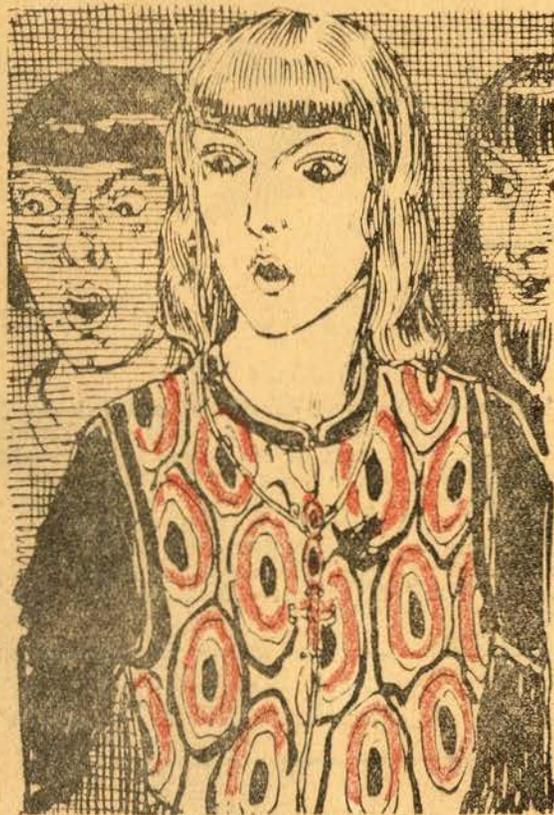


Flôrmorena e Flôrmarina

(Continuação da pagina 8)

apontou uma criatura gorda e anafado,*o mais feio dos pretendentes, que, como tinha mau gôsto, deu-se por muito feliz, em poder casar com a princesa e, ainda mais, por receber o grande dote que o rei prometera a sua filha Flôrmorena.

Nêsse mesmo dia celebrou-se o casamento de Graziela, dita Flôrmorena, com D. Alvaro Paio, mas sem aparato, que assim o quiz el-rei, por motivos especiais.



À tarde, um dos pretendentes, aquele príncipe loiro e lindo que vimos na sala do trôno, desejou que el-rei lhe desse um momento de audiência. Rapumeca, que em bicos dos pés deslizara até à porta da sala em que os dois se encontravam, só conseguiu ouvir estas palavras do príncipe: — Sim, por um retrato a óleo que um pintor do reino de meu pai, fez da real princesa Flôrmorena, eu tinha bem impressos na memória todos os seus traços, e facilmente não me deixo iludir. Dize-me pois, ó rei, onde se encontra a tua linda filha, que, se o não disseres, farei saber aos demais príncipes, a cilada que armaste.

Em seguida o rei falou, e sentiram-se então os passos do príncipe dirigindo-se à porta, e a sua voz que dizia: — Procura-lá-hei, então, e não descansarei enquanto não tiver encontrado Flôrmorena; ela, e só ela, poderá iluminar o meu espirito.

Lá longe, muito longe, o sol morria, tingindo de fogo o meigo azul do céu, de espaço a espaço, como que coberto duma fina gaze de tons límpidos de madreperola. Os seus últimos raios tão transparentes douravam os campos, que estendendo-se para um lado a perder de vista, eram para o outro cortados pela estrada serpenteando ao longo da montanha. Na base desta, com a verdura da relva a servir-lhes de fundo, as poéticas figuras de Flôrmorena e Flôrmarina levemente reclinadas, extasiavam-se perante a grandiosidade daquele espectáculo. De súbito, Flôrmarina voltou-se e indicou à irmã uma forma que ainda era difícil vêr distintamente e que avançava na estrada.

— Se fôsse alguém da parte do nosso pai! — exclamou Flôrmorena.

— Fujamos, — balbuciou a mais nova das princesas. — É preciso que não nos separem. Não foi para isso que preferimos a pobreza da vida cá fora, mas juntas, a casarmo-

nos com os príncipes mais belos, e sermos condenadas a viver separadas?!

— Sim! — exclamou Flôrmorena, — nunca nos separemos; quanto a fugir...

Mas já não havia tempo. A menos de 10 metros do sitio em que se encontravam, via-se agora avançar um príncipe loiro e lindo, cuja face se iluminou num sorriso, à vista das duas irmãs. Chegado junto das princesas, curvou o joelho em frente de Flôrmorena que se erguera, e cujo rosto se ruborizou, e, tomando-lhe a mão entre as suas, disse:

— Real princesa, adoro-vos; a minha alma já se tinha incendiado antes de meus olhos se extasiarem perante a vossa beleza, que é bem maior do que aquela que eu presumira, admirando o vosso retrato. Consenti, pois, em ser minha mulher, futura senhora do reino de meu pai, e acreditai, encandora Flôrmorena, que com o vosso consentimento, a minha alma se inundará de alegria.

Percebia-se que no espirito da princesa se travava uma luta medonha. O seu coração não resistiu ao encanto dos olhos do príncipe, mas a sua amizade por Flôrmarina, lutava contra êste novo sentimento.

— Minha irmã —, balbuciou, enfim, apontando a princesa dos cabelos de ouro.

Mas o príncipe parecia ter adivinhado tudo.

— Vossa irmã, real princesa, acompanhar-nos-há ao reino do meu pai, e que noiva mais linda quererá meu irmão Rodolfo, a quem êsse tipo de beleza tanto seduz?!

Houve grandes festejos no palácio de el-rei, pelo casamento de sua filha mais velha, festas esplendorosas, dum



brilho inegalável e, também no ano seguinte, quando se celebrou o casamento das princesas dos olhos azues, com Rodolfo, o cunhado de Flôrmorena.

Todos se sentiam bem felizes, a não ser o rei que ainda lastimava, profundamente, o grande dote que se vira obrigado a dar a Graziela, agora bem longe, no país distante de D. Alvaro Paio, o esposo iludido.